

MARCAS DE ENVOLVIMENTO: TRANSFORMAÇÕES URBANAS NO RECIFE OITOCENTISTA EVIDENCIADAS NAS CARTAS DE LEITOR (1830-1850)

ANDRÉA DE SOUZA E SILVA¹

WELLINGTON BARBOSA DA SILVA²

Introdução

O presente artigo apresenta um estudo voltado para compreensão do processo de urbanização e modernização da cidade do Recife, entre os anos de 1830 a 1850, no intuito de discorrer sobre a maneira pela qual as mudanças ensejadas, nesse contexto, atuaram na transformação de comportamentos e práticas cotidianas da população recifense.

O interesse para análise desse recorte temporal se encontra associado ao fato de entre os anos de 1830 a 1850 serem marcados por intensas transformações na vida urbana. O historiador José Murilo de Carvalho (2011:83) define esse período como um momento de *construção da ordem*, em razão de, nesses decênios, o Brasil consolidar sua independência e, diante de transformações nas instituições políticas durante o processo de formação de uma monarquia constitucional ocorrer à expansão da industrialização e modernização da vida urbana com gradativa substituição do trabalho escravo com a proibição, em 1831, do tráfico de escravos.

No período Regencial³, Recife foi cenário de revoltas inspiradas no sentimento de mudanças política, social e cultural. Era *Recife das revoluções libertárias, da teimosia ácida do contra*, evocado pelo poeta Manoel Bandeira (1993). A cidade passa a ser cenário de

¹ Mestranda e bolsista CAPES do Programa História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco, linha de pesquisa Política, Instituições e Identidades.

² Professor Doutor do Programa História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco, linha de pesquisa Política, Instituições e Identidades.

³ Após a abdicação do trono por D. Pedro I em 07 de abril de 1831, a coroa foi destinada a seu filho Pedro de Alcântara. Diante da impossibilidade do príncipe regente assumir o trono aos cinco anos de idade, o governo foi atribuído a uma regência eleita pela Assembléia Geral denominada Regência Trina Provisória, em dois anos foram realizadas novas eleições para formação da Regência Trina Permanente e após o Ato Adicional de 1834, o qual reformava a Constituição de 1824, foi criada a Regência Uma. Informações sobre o período extraídas de BERNARDES, Denis. *Um Império entre Repúblicas*. Editora Global, São Paulo, 1997.

revoltas empreendidas por alguns segmentos sociais, dentre as quais citamos a Setembrizada, a Novembrada (1831), a Revolta dos Cabanos (1832) e a Revolta Praieira (1848). Segundo Denis Bernardes (1997) o período Regencial é marcado por revoltas em várias regiões do país, sendo uma das causas principais as dificuldades enfrentadas por alguns segmentos sociais urbanos diante o aumento do custo de vida aliado aos interesses locais e resistências a uma política centralizadora que os tornaria dependente da capital do Império.

Diante desse contexto, a documentação inicialmente analisada foram às cartas de leitores publicadas no Diário de Pernambuco, jornal que teve seu primeiro exemplar em circulação datado de 07 de novembro de 1825. Ao ler as correspondências publicadas nesse periódico, observou-se que as cartas de leitor representavam uma importante atividade de interação entre o público leitor, visto que na seção de correspondências ocorriam debates políticos e questões de interesses particulares, assim como intensas discussões relacionadas às modificações introduzidas no cenário urbano pelo processo de modernização⁴. Nas páginas dos jornais, muitos homens se sentiram estimulados a opinar sobre a organização política e sobre as nuances do projeto civilizador empreendido na cidade do Recife.

Ao considerar que as décadas iniciais do século XIX é um momento de intensas revoltas populares e novos ideais políticos, sendo em Pernambuco esses embates travados por grupos designados de conservadores e liberais⁵, podemos ensejar que esses conflitos também estavam presentes nas páginas dos jornais, sendo uma das estratégias dos autores dessas correspondências a utilização de pseudônimos, tendo em vista as edições consecutivas com correspondências assinadas pelo mesmo autor, que em algumas edições aparece com pseudônimos diferentes.

⁴ Rezende (2005:91) compreende a modernização “como a busca de novas linguagens para traduzir as velozes mudanças trazidas pelas novas técnicas”. Essas novas linguagens são evidenciadas na arquitetura, nos costumes e na moral, no refinamento social do indivíduo, conduzindo as sociedades à busca da perfeição. REZENDE, Antonio Paulo. *(Des) Encantos Modernos: Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte*. Recife, FUNDARPE, 1997.

⁵ De acordo com José Murilo de Carvalho (2010:95) políticos ligados á magistratura e á grande agricultura de exportação do açúcar e do café deram origem a primeira organização política conservadora. Segundo o autor, a filosofia dos conservadores defendia um Estado central forte e um governo formado por proprietários de terras e escravos, comerciantes e burocratas judiciários. O Partido Liberal defendia a descentralização política e administrativa, sendo formado principalmente por proprietários rurais do mercado interno e profissionais liberais urbanos. CARVALHO, José Murilo de. *A Vida Política*. In: *A Construção do Nacional 1830 – 1889*. Volume 02 da coletânea História do Brasil Nação 1808- 2010 (Org) SCHWARCZ, Lilia Moritz. Fundação Mapfre, Rio de Janeiro Objetiva, 2011.

Para identificação dos pseudônimos recorrentes no jornal Diário de Pernambuco, utilizamos a publicação de Luis Nascimento (1967:27-28), História da Imprensa de Pernambuco, de acordo com o autor assinaturas como *O Pensador*, *O Constitucional e O Correspondente* eram utilizados pelo Padre Barreto. *O Sonâmbulo* assinatura atribuída ao padre Lopes Gama⁶. *O Magnetizado*, *O Impavido e O Trambolhista* eram empregados por Tomaz Xavier Garcia de Almeida⁷ que também publicava correspondências no Jornal O Cruzeiro utilizando-se do pseudônimo *O Intrepido*. Também citamos como obra de referência o Dicionário de Pseudônimos⁸ e ao identificar os autores de algumas correspondências analisadas nesse período, inferimos que as a maioria das cartas de leitores analisadas eram publicações de alguns segmentos sociais, como líderes religiosos e grupos políticos atuantes na província de Pernambuco.

Em vista disso, as cartas de leitor, podem oferecer indícios sobre as estratégias e táticas desenvolvidas pelos autores das correspondências. Para tanto, utilizaremos as contribuições teóricas de Michel de Certeau (2010). No estudo do homem ordinário que designa de *herói comum*, o autor ressalta que os indivíduos submetidos ao enquadramento das racionalidades que pretendem o nivelamento cultural, não podem ser considerados passivos, visto que uma ordem social instituída também é burlada pelos usuários de bens culturais, os quais desenvolvem *estratégias e táticas* no processo de *Invenção do Cotidiano*.

Para Certeau (2010:41) as *maneiras de fazer* são possibilidades de apropriação do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural, uma vez que a circulação de uma determinada representação social não indica o que ela é para seus usuários, de acordo com o

⁶ O padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, conhecido como o *Padre Carapuceiro*, nasceu no Recife, no dia 29 de setembro de 1793. Em 1817, foi nomeado pelo então governador de Pernambuco, Luiz do Rego Barreto, professor titular de retórica do Seminário de Olinda. Atuou como único redator d'*O Carapuceiro*, sendo colaborador do *Diário de Pernambuco*. Também atuou como deputado pela Assembléia Provincial de Pernambuco na legislatura de 1835 a 1837 e, em 1852, eleito representante da província de Alagoas para o parlamento nacional.

⁷ Thomaz Xavier Garcia de Almeida foi nomeado o 2º presidente da província de Pernambuco por carta imperial de 22 de setembro de 1828.

⁸ NASCIMENTO, Luiz do. *Dicionário de Pseudônimos de Jornalistas Pernambucanos*. Recife. UFPE, Editora Universitária, 1983. Consulta a versão digitalizada, organizada por Maria Falcão Soares da Cunha, com a orientação de Lúcia Gaspar, Bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco. Versão disponível em www.fundaj.gov.br. Acesso em 04/02/2015.

autor é necessário analisar a manipulação dos produtos culturais instituídos por uma ordem dominante pelos indivíduos que não a fabricam.

Nesse sentido, as complexas discussões presentes nas páginas dos periódicos nos leva a inferir que a modernização da cidade do Recife não assumiu um caráter homogêneo, possuindo múltiplas significações. Para alguns, o projeto moderno foi percebido como uma perda de valores locais, para outros, tornou-se indispensável para o desenvolvimento da cidade.

O Século XIX e o Projeto de Modernização na Cidade do Recife

Nas décadas iniciais do século XIX o cenário das principais cidades coloniais, dentre elas o Recife, era insalubre com ruas estreitas e escuras. Ao descrever suas impressões sobre a cidade do Recife Henry Coster (1978) ressalta que considerou significativa a quantidade de “indivíduos de cor mais acentuada” a transitar pelas ruas, sendo essas definidas como sombrias e arriscadas em razão da escuridão além do risco de se deparar com poças de lama e tigres estourados no meio da rua. Nas cidades brasileiras no oitocentos, a vida diária era envolta do trabalho escravo, como descreve Gilberto Freyre (2004:633) os casarões e sobrados mais imponentes eram abastecidos por escravos que conduziam das fontes e chafarizes água para beber, tomar banho e cozinhar, os quais também eram encarregados de recolher os excrementos e lixo das casas levados nos ombros ou na cabeça para ser lançados ao mar.

Esse contexto passa a ser alterado a partir da chegada da Família Real em 1808. Na cidade do Rio de Janeiro, iniciou-se um processo de urbanização direcionado para as exigências da presença da Família Real. De acordo com Silva (2011), as mudanças introduzidas na sociedade com a chegada da corte portuguesa, não foram apenas no aspecto urbanístico, mas nos valores e comportamentos sociais. Segundo Schwarcz (2011) a presença do governo português na colônia possibilitou a implementação de um projeto civilizatório o qual incluía o estabelecimento de instituições da metrópole no intuito instaurar os mecanismos da administração burocrática. Dentre as modificações introduzidas na cidade do

Rio de Janeiro a autora menciona a instalação de uma imprensa, a construção do Jardim Botânico, o Banco do Brasil, o Museu Nacional. Também ressalta, os novos hábitos cotidianos, as novas práticas de vestir a moda francesa e inglesa.

Os estilos de vida social introduzidos pela Família Real passaram a ser tidos como padrão, a colônia deveria adequar-se a sede da monarquia e tornar-se o cartão postal do Império. As modificações na vida cotidiana tinham como finalidade estimular no indivíduo urbano um comportamento adequado ao homem civilizado. De acordo com Freyre (2010) a transferência da corte portuguesa para o Brasil atribuiu a Europa um modelo de civilização perfeita a qual todos os brasileiros deviam aspirar. Para Freyre (2010:217) a generalização das modas européia e urbanização dos estilos de vida possibilitaram que os excessos de formas do corpo que não correspondessem às modas de Paris e Londres fosse sendo corrigidos por meio de unguentos, cosméticos, dentes, cabelos postiços, espartilho, tinturas para barbas e cabelo. Segundo Elias (1994), através da intervenção modeladora da sociedade, o indivíduo passa por um processo civilizador para atingir o padrão exigido pela sociedade, visto que as mudanças nas estruturas sociais são refletidas no comportamento e nos hábitos cotidianos.

Diante desse contexto de modificações na vida urbana da cidade do Rio de Janeiro, os modos de vida da capital do Império passaram a ser introduzidos nas principais cidades. Nas páginas dos jornais, os autores das cartas de leitor discutiam a inserção da cidade do Recife no projeto de modernização. Na correspondência abaixo, o autor que se define como *O Isolado do Recife* descreve as melhorias urbanas implementadas na cidade, como exemplo encanamento das águas, a iluminação a gás, construção de pontes e elegantes edifícios, assim como o hábito de alguns cidadãos frequentar os teatros, sendo a intenção *do Isolado do Recife* ver a cidade no catálogo das principais da Europa.

Srs. Redactores E' sobre maneira lisongeiro o ver, como esta Provincia, em tão curto espaço de tempo, se tem desenvolvido, abraçando todos os ramos de prosperidade, quando algumas das Provincias, suas irmãs ao Norte, e ao Sul lutaõ com o dragão da anarchia, destruidor de todas as venturas, que nos promete a sociedade. A agricultura, e o Commercio, como é publico, tem enriquecido esta Provincia. O Espirito d'associação, que tanto vai entre nós

progredindo, nos prepara um lisongeiro porvir: a Associação Commercial, já instalada, a do encanamento d'agoa á capital, que está em andamento, a do gaz, do teatro, de pontes de ferro, e das estradas provão o que vimos de dizer. A edificação, que tao bellos e elegantes edificios nos appresenta, ja atrevi-damente vai levantando os seus alicerces por onde em outro tempo corriaõ as agoas, que se vem hoje constringidas a recuar para dar logar á industria, e á grandeza: de modo que em pouco tempo teremos de ver esta bella Cidade no catalogo das principaes da Europa. Seu constante Leitor O Isolado do Recife. (Diario de Pernambuco, exemplar que antecede o de 08 de Agosto de 1839, nº 171; obs.: número e a data do jornal encontram-se ilegíveis.)

Srs. Redactores. Com que prazer me não occupo no momento de traçar essas linhas para sua estimável Folha, e remontando-me aos passados tempos observo já hoje (com enthusiasmo o digo) a nossa Província, este bello Pernambuco muito mais polido, [ilegível] para assim dizer de hum [ilegível] parte: O espírito principalmenteda Sociabilidade, Srs. Redactores harmonia a boa ordem parece que vai-se desenvolvendo progressivamente, porquanto já [ilegível] contamos ,alem da Sociedade Harmonico Theatral, que foi a primeira instituida, com mais tres de baile, ou danças que vem a ser, a Apolines, Euterpina e Terpsicore, e concorrendo a qualquer dellas, o que he mais, em huma mesma noite, como tem acontecido em os dias destinados as suas partidas, não pequeno numero de respeitáveis Famílias, que todas se interessão com aquella afabilidade e delicadeza, que lhes são próprias em desempenhar completamente o fim da Sociedade, ou para que são convidadas. (Diario de Pernambuco, 02 de Novembro de 1838)

Nos jornais também se encontravam os múltiplos olhares dos habitantes sobre as novas vivencias em sociedade, o autor designado de *Velho Sizudo Amante dos Theatros* faz

uma crítica aos comportamentos que de acordo com ele foram trazidos do *País das Luzes* pelos *sacacoletes sem educação*.

Srs. Redactores. No meu tempo quando nos achavamos em publico aff tava-ilegível] de homens sizudos e sensatos, ao menos para incubimos que nossos pais nos tinhaõ dado boa educação; hoje vejo fazer – se timbre do contrario; no meu tempo passeavamos direitos, sentava-mos nos di- reitos, e dávamos á conversação hum cer- to sal, que a fazia agradável: hoje o an- dar he qual navio sobre as ondas, no sem- tar, o corpo cae sobre a cadeira para dar que fazer aos marcineiros, as pernas cru- zadas, o chapeo [ilegível] : e as obsenidades na ponta da lingua: no meo tempo se his- mos ao Theatro affectavamos de homens il- lustrados, aplaudiamos, ou pateavamos em regra, [ilegível] com ternos, hoje affecta-se no Theatro [ilegível] de peravilho, e de brejeiro; a cazaca meia vestida, a perna trepada su- jando a mesma cazaca, hum mia como ga- to, outro põem de proposito o chapeo na cabeça, para que os mais lhe gritem – Péo – aquelle diz os seos dixotes, o ou- tro faz- se o bôbo da platea etc. Isto he moda! Mas quem nos traz essa moda [ilegível] dous ou tres- Sacacoletes- sem educação, sem brio, que vieraõ lá do Paiz das Luzes, e como as receberaõ de repente ficaraõ com os olhos encataratados; coita-dos! Como precisaõ de guias, bom he que o Sr. Prefeito os faça hir guiando para a Cadeia, que naõ he má escola de policia para naõ verem dar exemplos de má educação á nossa mocidade Brasileira Sou Srs. Redactores O velho sizudo amante dos Theatros (Diario de Pernambuco, 04 de setembro de 1838).

Discussões que estavam presentes nos jornais eram críticas voltadas a frequente presença nas ruas da cidade de profissionais estrangeiros como modistas, médicos, comerciantes de artigos de luxo franceses. Segundo Freyre (2010:126) estrangeiros de procedências e ofícios diversos como marceneiros, cabeleireiros, químicos, modistas se estabeleceram na cidade do Recife. As senhoras mais chiques penteando-se não mais a portuguesa, mas a francesa, vestindo-se também a francesa, indo ao teatro ouvir óperas cantadas por italianas. Esses profissionais passaram a atuar com mais intensidade durante a administração de Fernando Rego Barros, que, ao assumir o cargo de governador da província

de Pernambuco, de 1837 a 1844, tinha como proposta de governo transformar Recife em uma cidade moderna, estabelecendo como padrão de desenvolvimento as cidades européias.

Snr. Redactor Como Vm. É o escriptor que mais interesse tem mostrado pelo Brazil na questaõ do Oyapock pelos francezes animei-me a remetter-lhe estas |linhas, a fim de despertar o patriotismo que parece adormecer brasileiros e lembrar ao mesmo tempo as nossas [ilegivel] que devemos quanto antes fazer a guerra, isto é, a reagir francezes contra essa gente a quem com tanta hospitalidade temos recebido ao nosso paiz, porquem tanta sympathy temos mostrado e que nos tem pago com insultos e traições de mais de um genero acabando por se assenhorearem, no seio da mais profunda paz, de parte do paiz que de direito e de facto nos pertence. Entremos, pois na matéria desta correspondencia. E [ilegivel] Snr. Redactor, que a faculdade de que gozam no Brazil os estrangeiros, de terem casas de vender a retalho, officinas, leilões, casas de pasto etc. etc. é em consequencia de tratados de commercio, que essas regalias lhes concedem; mais que apenas espirado o prazo desses tratados com elles acabou semelhantes direito. Ora, tendo já finalisado o tratado de commercio com os franceses, como se permite que elles continuem com as suas lojas de modas, de quinquelherias, de | agoas de cheiro; com os seus leilões, casas de cabelleiros, botequins , assougues etc; Jornal Diario de Pernambuco. Edição: 22 de novembro de 1839.

Na correspondência, o autor expõe a sua indignação diante do domínio dos profissionais estrangeiros nas diversas esferas da vida pública. Para o autor, é necessário *despertar o patriotismo* entre os brasileiros e reagir contra a presença dos franceses na cidade. Segundo Rezende (1997), a presença de profissionais franceses no Recife foi motivo para revoltas entre trabalhadores locais. Sobre a presença dos franceses Silva (2011) ressalta que, após a assinatura do tratado de paz com a França em 1814, começaram os franceses a desembarcar no Brasil, para atender a demanda de serviços que a própria presença deles ampliava. Eram comerciantes de produtos de luxo, alfaiates, modistas, cozinheiros. Alguns não regressaram e se estabeleceram como donos de lojas, albergues e tavernas.

No século XIX, o processo civilizador na cidade do Recife também influenciou nos rituais cotidianos. As procissões funerárias noturnas, por exemplo, uma prática religiosa e comum nessa época, passaram a ser proibidas pela sociedade de Medicina de Pernambuco, entidade destinada a promover os progressos da Medicina e estabelecer regras sanitárias para regular a saúde pública. Dentre as medidas no controle de salubridade, destacam-se o aterramento e a drenagem de áreas pantanosas; o serviço de abastecimento de água; a construção do Cemitério Público de Santo Amaro, com a interdição dos sepultamentos realizados nas catacumbas das igrejas; a construção do mercado público e a proibição de lixo nas ruas.

Outra medida de intervenção consistiu no processo de “desinfecção do ar”, visto que se acreditava que o ar recifense possuía uma constituição nociva. Segundo Arrais (2004), os higienistas pernambucanos procuraram conhecer os problemas de salubridade do Recife, relacionando esses problemas com a qualidade do ar. Essa ênfase na atmosfera explicava-se pela convicção médica do século XIX, alicerçada nos princípios hipocráticos, segundo o qual era na circulação dos elementos na atmosfera que estava dando a condição necessária à vida humana. No equilíbrio desses elementos encontrava-se a salubridade da cidade.

Toda essa política de higiene social tinha como finalidade formar indivíduos saudáveis dentro de uma cidade erguida sobre os princípios da salubridade pública, modificando as condições alimentares, de moradia, de cuidado com o corpo e com os hábitos de higiene. Discussões frequentes nas páginas dos jornais eram vistas com relação à disputa entre os médicos e as práticas de medicina popular, com a criação do Conselho Geral de Salubridade Pública, os médicos passaram a ter autoridade para inspecionar as práticas de medicina popular que passaram a ser vistas como risco à saúde pública. Na carta a seguir, o autor expõe a sua indignação em relação a uma publicação do Padre Lopes Gama, no jornal Diário de Pernambuco, sobre a reprovação das potencialidades de seu elixir:

Senhores redactores: - Grande He o conceito que goza na opiniaõ publica os escriptos do [ilegivel] Sr. Commendador Lopes Gama, e por esta rasaõ ninguém duvidara que os communicados que o mesmo Sr. publicou no seo Diario haviam de dar grande corte na renda dos frascos homeopathicos a 10,000 rs. Eu estou pelo menos bem convencido disto; porque nestas duas

últimas semanas o meu *especifico elixir* não tem tido nenhuma sahida ; porem, senhores redactores, parece-me que apesar de todos os pesares os referidos communicados não me autorisam a mim, nem ao Sr. Dr. Sabino a dar respostas insolentes e nojentas como este Sr. Dr. Fez no seu communicado (em dous actos). Meu charo Dr. he preciso mais moderação, e ser mais civil, para que se lhe não diga- “*li dottor he’ troppo scaido*” Agora, Sr. Dr. Sabino, tenho a dizer-lhe que como eu não receio entrar em uma polemica homeophatica com V. S. muito embora se sirva da arma da insolencia, e convido para estefim, pois desejo ter uma discussão franca com o charo doutor, visto eu ser bastante habilitado para isto, *andiamo, mio dottor*, não me tema apesar de si dizer que *Io sono insicliopedico*: esteja persuadido que não receio a sua arma pois desejo provar-lhe que a sua homeopathia não tem tanta virtude como o meu elixir. La vostra pura [homeophathia] bísogna da lícor. [ilegível] á mol á qui vous avez á faire. O Dr. Dulcamara. (Jornal Diario de Pernambuco. Edição: 22 de maio de 1850).

Ao analisar as cartas de leitor, percebe-se que, além da defesa de seus interesses particulares, há comentários sobre a época dos autores. Essas correspondências revelam as singularidades do processo de modernização empreendido na cidade do Recife, visto que os hábitos e comportamentos locais foram lentamente adequados aos novos padrões de vida instituídos pelas novas formas de sociabilidade. As cartas de leitores apresentam-se como fontes importantes em nossa pesquisa, nesse contexto, os jornais atuavam como principais recursos na disseminação de notícias sobre o cotidiano da cidade. Na seção destinada ao público leitor, eram freqüentes correspondências com temáticas variadas sobre vários aspectos da vida cidadina.

Referências de Pesquisa

Acervo da Fundação Joaquim Nabuco- Setor de Microfilmagem

Periódicos:

Jornal Diario de Pernambuco, Edição de 04 de setembro de 1838.

Jornal Diario de Pernambuco, 02 de Novembro de 1838.

Jornal Diario de Pernambuco. Edição de 22 de novembro de 1839.

Jornal Diario de Pernambuco, exemplar que antecede o de 08 de Agosto de 1839, nº 171

Jornal Diario de Pernambuco. Edição de 22 de maio de 1850.

Dissertações e Teses

ALMEIDA, Maria Ângela de. *Posturas do Recife Imperial*. Tese. Doutorado em História, CFCH-UFPE, 2002.

SANTOS, Manuela Arruda dos. *Recife: Entre a Sujeira e a Falta de (com) postura 1830-1841*. Dissertação em História – Departamento de História UFRPE, 2009.

SILVA, Sandro Vasconcelos da. *O Costume da Casa Vai a Praça: as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife Oitocentista 1830-1880*. Dissertação em História- Departamento de História UFRPE, 2011.

Referências Bibliográficas

ARRAIS, Raimundo. *O Pântano e o Riacho a formação do espaço público no Recife do século XIX*. Série Teses Humanitas / FFLCH/ USP, 2004.

BERNARDES, Denis. *Um Império entre Repúblicas*. Editora Global, São Paulo, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *A Vida Política*. In: *A Construção do Nacional 1830 – 1889*. Volume 02 da coletânea História do Brasil Nação 1808- 2010 (Org) SCHWARCZ, Lilia Moritz. Fundação Mapfre, Rio de Janeiro Objetiva, 2011.

_____. *A Construção da Ordem: Teatro de Sombras*. Editora Civilização Brasileira, 2003.

ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador* Volume 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GUERRA, Flavio. *O Recife e o Conde da Boa Vista*. In: Um Tempo do Recife. Editora Universitária, UFPE, 1978.

CERTEAU, Michel de *A invenção do cotidiano. 1: artes de fazer*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Global Editora, 2004.

KOSTER, Henry. *Viagens ao nordeste do Brasil*. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Coleção Pernambucana, 2ª edição, v. XVII, 1978.

MARSON, Isabel Andade. *O Império do Progresso: a revolução praieira em Pernambuco (1842-1855)*. Editora Brasiliense, 1987.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco*. Editora Universitária, Recife 1967.

SILVA, Alberto da Costa e. *População e Sociedade*. In: Crise Colonial e Independência 1808- 1830. Volume 01 da coletânea História do Brasil Nação 1808- 2010 (Org) SCHWARCZ, Lilia Moritz. Fundação Mapfre, Rio de Janeiro Objetiva, 2011.

SILVA, Barbosa Wellington (Org.) *Uma Cidade Várias Histórias: O Recife no Século XIX*. Editora Bagaço, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Cultura*. In: Crise Colonial e Independência 1808- 1830. Volume 01 da coletânea História do Brasil Nação 1808- 2010 (Org) SCHWARCZ, Lilia Moritz. Fundação Mapfre, Rio de Janeiro Objetiva, 2011.

REZENDE, Antonio Paulo. *Recife: Histórias de Uma Cidade*. Recife, FUNDARPE, 1997.